

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Pires, Nuno Lemos

Como vencer guerras climáticas

<http://hdl.handle.net/11067/6008>

<https://doi.org/10.34628/brtb-t253>

Metadados

Data de Publicação	2019
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-FCHS] LPIS, n. 17-18 (2019)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-11-14T20:14:15Z com informação proveniente do Repositório

COMO VENCER GUERRAS CLIMÁTICAS

Nuno Lemos Pires

<https://academiamilitar.academia.edu/NunoPires>

nlemospires@gmail.com

Palestra proferida na conferência:
“A Água e as Relações Internacionais”, realizada na Universidade Lusíada – Norte (Porto)
11 de abril de 2018

A barragem do Marib no Iémen

No século VIII a.C. construiu-se uma das grandes maravilhas do mundo antigo, que alguns intitulam como sendo a oitava (Styrodur, 2017), a Barragem de Marib, no Iémen e muito próximo do local onde está hoje uma nova barragem com o mesmo nome.

Em virtude desta barragem, numa zona árida e seca, houve água, que possibilitou o crescimento de uma civilização fundamental para toda a Península Arábica. O mítico Reino de Sabá, importante e tantas vezes referido nos textos sagrados das três religiões do Livro, deveu em grande parte a sua importância ao domínio, à posse e ao uso deste recurso vital para o desenvolvimento. Com a construção desta, à época, gigantesca barragem, abasteciam-se de água as principais cidades do Reino, fazia-se a irrigação de extensas plantações e garantia-se uma agricultura sustentável. Indiretamente afirmava-se um poder regional que se estendia por toda a Península Arábica. Por mais de mil anos Marbil foi central à vida, à organização, à afirmação do poder dos povos e à segurança das populações.

Não se sabe ao certo o que causou o desabamento da estrutura mas suspeita-se da continuada ação de toupeiras que causaram danos na estrutura interior e que acabaram por causar o colapso (Mingren, 2018). O efeito foi devastador, ocorreu no momento do nascimento do Profeta Maomé (570 d.C), e marcou profundamente a história da Península Arábica. Por isso se encontram, no Alcorão, referências a este acontecimento: “tal como os versículos alcorânicos preveniam os habitantes de Meca, e a prova estava agora à vista de todos, nas ruínas da grande barragem de Marib, perto de Sana” (Hazleton, 2015, p. 126).

Não foram alterações climáticas a causa deste evento com proporções históricas, apenas o usamos para acentuar a enorme importância que têm os recursos fundamentais para a vida, individual e coletiva, dos povos. Sempre foi assim. É assim. Poderá vir a ser, pelo agravar das alterações climáticas nas próximas décadas, um dos problemas mais graves da humanidade. Pela água sempre houve conflitos (Engelke & Sticklor, 2015), entre pessoas que tentam aplacar a sede, entre famílias que reclamam a posse de poços, entre povoações que disputam nascentes e riachos, entre nações que discutem leitos e limites de rios, de nascentes e da gestão dos cursos de água. Pela água, como por outros recursos vitais que as nações necessitam, já houve e poderá continuar a haver motivos para a conflitualidade.

As alterações climáticas não causam guerras mas podem levar à exaustão de recursos, à alteração de territórios, a fenómenos climáticos extremos, à dependência de novas formas de energia e ao abandono de outras. Os efeitos das alterações climáticas, como veremos neste texto, também causam desequilíbrios no acesso a recursos vitais, e isso pode levar a conflitualidades graves, por vezes e no limite, a guerras decisivas entre povos.

Começar pelo princípio

Um ser humano não luta por ideais, não afronta injustiças e não toma posições políticas estruturadas quando tem fome, sede e frio. Um pai que não tem como alimentar um filho não pensa em segurança e defesa, em direitos, liberdades e garantias nem em equilíbrios sustentáveis do planeta. Fica entre duas posições. Apenas. Ou consegue salvar a vida do filho ou não. Luta ou desiste. Se optar pela luta, como a maioria dos seres humanos fazem, o desespero pode levá-lo, no limite, a perpetrar atos violentos contra outros seres humanos. A fome, a sede, a sobrevivência, a luta pelo mínimo de dignidade, pode levar os seres humanas a matar.

Num patamar, apenas um pouco menos desesperado, também se mata por se sofrerem abusos contra a condição humana, por um sentimento de profundas injustiças, discriminações, ou de imposições pela força. Mas ainda estamos no limiar da dignidade, mínima, da condição humana. Muito longe dos direitos, liberdade e garantias previstos pela Declaração Universal dos Direitos Humanos. Ainda estamos na sobrevivência. Primeiro tenta-se viver mais um dia, depois tenta-se viver com um mínimo, muito mínimo, de dignidade humana, para si e para a sua família. A sociedade não é a soma de indivíduos, é o resultado da associação de famílias de inúmeras formas e circunstâncias.

Se estes dois patamares, básicos, da condição humana, do mínimo para a sobrevivência física, primeiro, e do mínimo da dignidade moral, segundo, estiverem assegurados, então, podemos discutir opções políticas, modelos sociais e medidas de melhoria para sociedade onde se vive. Só depois de se assegurar estes mínimos. Antes não é possível. Com a segurança e a defesa das populações, dos Estados, das Alianças e, do planeta como um todo, o raciocínio é, exatamente, o mesmo. Se não houver água potável, alimentos, zonas estáveis para habitar, não se vão discutir as melhores formas de organizar a sociedade. Primeiro há que sobreviver e em segundo lugar há que ter regras mínimas de respeito. Começamos pois, e sempre, pelo princípio.

Um planeta sustentável é a premissa base para a vida. Se faltarem os recursos essenciais, as condições mínimas para o equilíbrio ambiental, não há vida. Sem água, sem alimentos, com temperaturas muito frias ou muito quentes, com

ar e mar muito poluído, com tempestades permanentes, vive-se mal, na melhor das hipóteses sobrevive-se, estando umas espécies mais bem preparadas do que outras para o fazer. Os humanos são só mais uma forma de vida neste planeta e são, atualmente, os maiores responsáveis pelo desequilíbrio na sustentabilidade global.

Este é o debate mais importante que tem de ser feito. De nada vale a pena discutir sobre a insegurança entre Estados, das armas de destruição maciça, dos perigos do terrorismo ou das ameaças colocadas pelas grandes redes de criminalidade organizada (Pires, 2016), se não houver, primeiro, um planeta sustentável para assegurar o mínimo das condições de vida. Pior, a ausência de condições mínimas à vida das espécies, em especial da espécie humana, leva, exponencia, e por vezes é mesma a causa principal, de todas as restantes formas de insegurança.

Começemos pelo princípio. No princípio da vida de um ser humano estão as condições essenciais à sua sobrevivência. Na base da vida sobre o planeta estão as condições mínimas de sustentabilidade para se manter estável. Quando um ser humano não tem as condições essenciais para a sobrevivência e para a sobrevivência dos seus, luta, combate e é capaz de praticar os atos mais desesperados que se conhecem, para obter o mínimo que precisa. Uma sociedade que não encontra, ou se vê a perder, o mínimo dos mínimos, para assegurar a sua sobrevivência e interesses vitais, está disposta a tudo. Um sociedade, por via da insustentabilidade da vida na região onde vive, está preparada para lutar pela sua sobrevivência, pela água, pelos alimentos, pela energia, para fazer a guerra se necessário. Graves alterações climáticas podem ser, por isso, uma das causas para a guerra.

Nos últimos anos a sociedade começou a entender a verdadeira dimensão desta ameaça, existencial, à espécie humana. Os documentos estruturantes sobre a segurança dos países, em especial os que representam alianças de países, ou seja, as organizações internacionais como a ONU, a NATO, a UE e muitos mais, têm colocado as alterações climáticas como uma gravíssima ameaça à segurança dos povos. Mas até há pouco tempo, a maioria das pessoas, embora o soubesse não o percecionava. Percebia que existia um perigo mas mostrava-se ausente na preocupação e na ação.

Em 2018 o panorama não é, felizmente, esse. Os cidadãos, no mundo inteiro, percebem o problema. Há quem negue as evidências mas, porque lhes têm entrado pela casa adentro, são cada vez menos. Citando um dos documentos mais importantes sobre a perceção global das ameaças, *The Global Risks Report 2018* (Forum, 2018), as alterações climáticas atingiram, pelo segundo ano consecutivo, o primeiro lugar nas preocupações e perceções dos cidadãos. Quando se entende e se percebe o problema, é muito mais fácil elaborar políticas de resposta viáveis e aceitáveis. Com políticas públicas pensadas e estruturadas para vigorarem du-

rante muitos anos é possível definir estratégias de ação que, efetivamente, obtenham resultados. É possível vencer as guerras climáticas mas, como veremos, não será nada fácil. Porque começámos pelo princípio, vamos caracterizar a dimensão do problema.

O problema

É conhecido. Está provado e documentado. É discutido com frequência. A cada dia há menos pessoas no mundo a negá-lo mas ainda há muitas, talvez a maioria, que não tenha interiorizado a verdadeira dimensão do problema. Neste caminho, de usar o planeta como o estamos a usar, poderemos estar a caminhar para a extinção da vida humana (Kolbert, 2014). O planeta irá subsistir mas a vida humana poderá não sobreviver. É grave. O problema mais grave de todos. De nada serve resolver a conflitualidade entre dois Estados ou entre os povos se não existirem, à priori, as condições mínimas para a vida.

O problema está identificado. Não está percebido, nem na sua gravidade nem na sua urgência. Porque não surge de repente as pessoas não o sentem como sendo urgente e, quando finalmente o percebem, pode ser já demasiado tarde. Porque afeta as populações de forma profundamente desigual nas inúmeras regiões do planeta. Por ironia, é nas regiões mais desfavorecidas do planeta, onde mais a conflitualidade emerge, que mais as alterações climáticas se fazem sentir. A desgraça de uns até pode ser, para alguns, uma oportunidade, naturalmente efémera, mas como a vida humana também é sempre efémera, a miopia egoísta de alguns pode sobrepor-se às necessidades de quase todos.

Em 2017, quando saiu o anúncio do *Relatório anual das alterações climáticas, pela World Meteorological Organization (WMO, 2017)* confirmaram-se os piores cenários previstos: 1,1 graus de temperatura acima da média, superámos a concentração de dióxido de carbono em mais de 400 partes por milhão, o degelo afetou mais 4 milhões de quilómetros quadrados e as secas severas, o recorde de temperaturas e a ausência de chuvas, piorou imenso. 2016 tinha sido o ano mais quente de sempre e, na desgraçada área do Norte de África, já se espera um aumento para 2018 de quase 20 milhões de novos refugiados do clima a somar aos da guerra e da fome. Este relatório, profundamente trabalhado, internacionalmente reconhecido, grave, alerta para a urgência na ação mas, por que vivemos num mundo de **indiferença**, de más **prioridades**, **irresponsável** e incapaz de lidar com os seus **recursos**, tem pouco impacto. Permitam-me que explique um pouco melhor cada uma destas dimensões.

Vivemos num **mundo da indiferença** porque nada justifica a dose maciça de notícias em torno dum pequeno incidente terrorista, por exemplo em Paris ou em Londres com um ou dois mortos, quando comparamos com a ausência de

notícias das tragédia de mais um ataque no Iraque, na Somália ou no Afeganistão, com centenas ou milhares de mortos, quase ao mesmo tempo. Indiferença de quem dá a notícia, de quem as difunde, de quem coloca jornalistas no terreno mas, principalmente, de cada um de nós, porque estamos muitíssimo mais preocupados com incidentes próximos do que com a sorte de milhares de vidas em paragens que nos parecem longínquas. Com os eventos ambientais registam-se os mesmos efeitos. A falta de alimentos e de água numa enorme região subsariana não toca a vida de europeus mas, quando se alude à possível falta de água em cidades, a um aumento anormal dos incêndios nas proximidades, os cidadãos já não falam de outra coisa. Infelizmente é assim.

Um **mundo distorcido nas prioridades** que leva centenas de horas de discussões e milhares de páginas escritas sobre perfis e influências de líderes psicopatas, de atores destabilizados ou jogadores “estrela”, quando comparadas com as preocupações de quem tem a responsabilidade de gerir o caos no Congo quando confrontados com a execução sumária e consequentes decapitações de agentes da autoridade (Reuters, 2017) ou o crescente nível de desigualdade social que se vive numa mega cidade como Lagos na Nigéria (Carneiro, 2014). É um mundo sem mundo porque vive assente em realidades exclusivamente locais quando, afinal, muitos dos problemas são causa e consequência de questões globais e, lá está, faltam as prioridades claras em saber onde mais se torna necessário agir.

Um **mundo da (des)responsabilização**. Na Europa procuram-se, imediatamente, possíveis bodes expiatórios entre as agências governamentais, para atribuir culpa pela não deteção de “disfunções organizativas”, onde tudo serve para esgrimir argumentos de uma pequena política e, no Sudão do Sul, ao contrário, ninguém pensa já em responsabilizar governantes ou oposições porque todos partem do princípio que esses são parte do terrível problema, de fome e violência, e não da solução. O drama, a tragédia, a vergonha de ver milhares, milhões de homens, mulheres e crianças a morrerem à fome, a serem vítimas diárias de abusos de toda a espécie, é da responsabilidade de todos mas, como parece, apenas muitos poucos se preocupam em assumir.

Um **mundo de parques recursos**. Vimos no relatório sobre as alterações climáticas que há vastas zonas, em especial no norte e no centro de África, onde as secas são quase permanentes, onde deixaram de crescer plantas, onde falta água e alimentos e os refugiados aumentam em milhões a cada ano. Tudo indica, infelizmente, que esta situação se continue a agravar e, de Paris, onde se assinou a Cimeira que deu esperança ao mundo, em travar, ou pelo menos, em atrasar, os terríveis efeitos das alterações climáticas, chegam-nos notícias, de outras partes, na vontade de recuar sobre o acordo assinado.

Por mais que se queira criar distância, o mundo é mesmo redondo. Estamos e somos consequência de vida de uns sobre os outros e ignorar, esquecer ou varrer assuntos que parecem distantes é, numa análise muito fria, um ato de irracional-

lidade. Quando analisado com emoção é um ato de profunda indiferença sobre o sofrimento humano. Na base de muitos dos problemas que vivemos e, garantidamente, iremos viver, estão os efeitos diretos e indiretos das alterações climáticas. O clima é global, afeta de forma e intensidade muito distinta as várias zonas do planeta, pelo que se compreende o egoísmo de uns face ao desespero de outros. Compreende-se mas não se aceita porque não há problemas “deles” e “nossos”. São todos, cada vez mais, só “nossos”.

As alterações climáticas e a guerra

Por vezes pergunto-me se não existe já evidência científica suficiente para forçar à mudança. Estamos num planeta doente, com uma demografia a aumentar que irá chegar aos 10.000 milhões de habitantes no ano de 2053 (PRB, 2017), um aumento significativo de narrativas radicais e extremadas (ideologias, religiões e nacionalismos), mais Estados fragilizados, mais desagregações sociais internas, uma perda assinalável de confiança na capacidade de tomar decisões políticas quer globais, quer regionais, quer nacionais. Mas o desequilíbrio ambiental é o risco maior de todos, assumimos sem hesitar, porque pode não matar o planeta, mas pode, isso sim, matar a vida humana sobre o planeta: mais efeitos de estufa¹, mais temperatura, menos superfícies geladas e água potável, menos lagos e menos cursos de água. O nível das águas dos mares, que estão mais acidificadas e poluídas, aumenta. Há menos florestas, menos biodiversidade e mais regiões desérticas.

A grande região da Nigéria, Senegal e Níger vive, desde 2016, com mais 2 graus de temperatura média (o planeta está 1,1º acima), aproxima-se dos 4 graus e o deserto avança implacavelmente, forçando ao abandono de terras, ao aumento de conflitos e ao crescimento de movimentos violentos (Friedman, 2017). Há verdadeiros riscos de “caos” e já não é num futuro longínquo, por exemplo, a Cidade do Cabo na África do Sul está, em 2018, em risco de ficar sem água (Vição, 2018) e Portugal registou uma situação de seca extrema e severa que causou alarme e preocupação, felizmente ultrapassada pela chegada de chuvas intensas em Março (IPMA, 2018).

Há muito que passámos os limites aceitáveis para um equilíbrio estável no planeta. Entre outros, destacamos o estudo científico coordenado pela Universidade de Estocolmo e que tem sido usado como referência para medir as consequências da ação do Homem sobre o Planeta - (Stockholm, Resilience Centre, 2015). Num alerta mais recente, nos EUA, destacamos o relatório oficial de junho

¹ “Estamos agora a encurralar tanta energia de calor na atmosfera como a que seria libertada se 400.000 bombas atómicas semelhantes à de Hiroxima explodissem todos os dias à face da Terra” (ALGore, 2017, p. 44).

2017 denominado “Climate Science Special Report” (Wuebbles, et al., 2017).

15.364 cientistas provenientes de 184 países assinaram uma “Advertência dos Cientistas do Mundo à Humanidade: um Segundo Aviso” em novembro de 2017 (o primeiro foi em 1992), e avisam: se nada de significativo se fizer podemos já não conseguir reverter o caminho para a destruição da vida sobre o planeta porque “desencadeámos um evento de extinção em massa” (Laurence, 2017). Há muitos mais habitantes (de mil milhões de habitantes no princípio do século XIX para 7,7 mil milhões em 2017), com a agravante dos cidadãos do século XXI consumirem muitos mais recursos do que os do século XIX), causando uma enorme pressão sobre os recursos que, evidentemente, são fonte de crescentes desigualdades entre povos². Somos mais, consumimos mais, vivemos mais concentrados junto à costa e em grandes cidades, e continuamos a crescer.

As guerras na Síria, no Iraque, na Nigéria, no Iémen, na Líbia, etc. não se devem a simples diferenças de interesses ou de conflitos antigos e radicalismos emergentes. Infelizmente o problema é muito maior. Em 2008 Gwynne Dyer alertou o mundo para uma evidência esquecida nestes conflitos e chamou-lhes *Climate Wars* (Dyer, 2008), Harald Welzer confirmou a tese em 2012 (Welzer, 2012), porque, em síntese, mais pessoas, menos água potável e menos alimentos, podem provocar guerras. Os números dos refugiados do clima, que ultrapassaram os (milhões) dos refugiados da guerra e que, em meados deste século poderão atingir o enorme número de 250 milhões³, sendo que muitos se poderão dirigir para a Europa, é apenas mais uma prova do que argumentamos. Naturalmente que fugindo de áreas sem condições vão sobrelotar outras onde as populações, também em crescimento exponencial, se juntam e competem pelos mesmos e mais escassos recursos, propiciando um ambiente que pode levar a um aumento de Estados fragilizados e de guerras civis. Dentro dos países mais desenvolvidos, que os migrantes conseguem alcançar, podem-se registar movimentos mais extremados, xenófobos e racistas, que se opõem à chegada, polarizando a violência intraestado, numa tendência que não parou de crescer nas últimas duas décadas (Felner, 2005).

Nas guerras climáticas, que tanto Dyer como Welzer descrevem, uma das materializações do fenómeno é por via dos movimentos de milhões de refugiados que saem de uma áreas onde tudo falta para tentarem viver em outras onde parece tudo abundar, que em síntese, se apresentam genericamente como de um conflito sul (cada vez mais desértico) - norte (com água e novas rotas comerciais a

² “Um americano do presente usa 60 vezes mais energia do que um caçador-recolector da Idade da Pedra” (...) “a verdadeira ameaça para a economia moderna é a possibilidade de um colapso ecológico” (...) “O aquecimento global já afeta mais a vida dos pobres que vivem nas zonas áridas dos países africanos do que a vida dos ocidentais abastados” (Harari, 2017, pp. 45, 240-242).

³ “Top UNHCR official warns about displacement from climate change” (Agency, 2008).

abrirem pelo degelo do Ártico). Mas, dizemos nós, o problema é bem mais grave do que esse: em 2018, as separações norte-sul não são assim tão distintas, porque além dos recursos também existem as tempestades, os incêndios e os novos riscos que emergem e afetam todos em todas as latitudes.

Uma profunda ausência de recursos naturais pode levar a guerras abertas entre Estados pela posse e gestão dos grandes cursos de água. A gestão partilhada do rio Nilo leva a permanentes avisos e ameaças entre os Estados que dele dependem (BBC, 2018). Na Índia, Paquistão e Bangladesh, de um lado e na China, Vietname, Camboja e Laos, por outro, a gestão dos grandes rios que nascem na grande cordilheira dos Himalaias é considerado como de interesse vital por todos os envolvidos (Vidal, 2013; Bhalla, 2012; Tenzin, 2015). Ora, como sabemos, pelos interesses vitais dos Estados (Couto, 1998), as nações dispõem-se a lutar e a morrer para os assegurar.

Mesmo que não pareça assiste-se, cada vez mais, a manifestações de alguns conflitos assimétricos com grupos pequenos que usam recursos escassos, de forma especulativa, para fazer comércio ilegal ou, no limite, conseguir o poder em determinadas regiões. O caos do Darfur, que perdura desde 1987, é emblemático dessa dinâmica autodestrutiva agravada pela fragilidade dos Estados. No norte da Nigéria, a degradação das terras e a violência exercida pelo grupo Boko Haram perturbou o modo de vida agrícola e do pastoreio, que interferiu diretamente com as rotas migratórias e com o acesso a escolas a milhares de crianças. Várias centenas de aldeias foram abandonadas e as migrações que resultaram desestabilizaram uma região, já de si pobre, violentada pelas ações do Boko Haram e que, pelo agravamento contínuo destas circunstâncias, clima e guerra, aparenta vir ainda a piorar.

Entre 2006 e 2011, a Síria viveu a mais longa seca e a maior perda de colheita já registada desde as primeiras civilizações do Crescente Fértil. Dos 22 milhões de pessoas que habitavam então o país, quase um milhão e meio foi afetado pela desertificação, o que causou migração em massa de agricultores, criadores de gado e suas famílias para as cidades. Esse êxodo elevou as tensões causadas pelo afluxo de refugiados iraquianos depois do conflito iniciado em 2003. As políticas de Damasco subsidiavam as culturas de trigo e algodão que requerem muita água e incentivaram técnicas de irrigação ineficientes. A criação ultra-intensiva do gado e o aumento da população reforçaram o processo. Os recursos hídricos reduziram-se à metade entre 2002 e 2008 (Sinai, 2015).

O colapso do sistema agrícola sírio foi o resultado da soma dos efeitos das alterações climáticas, da má gestão dos recursos naturais e da dinâmica e movimento demográfico. Não sendo uma consequência direta, é inevitável concluir que o crescimento de grupos como o Daesh (ou também denominado de Estado Islâmico), da frente Al-Nursa e da consequente expansão destes grupos tanto na Síria como no Iraque, foram também causados pela seca. “Trata-se de uma anomalia: A mudança dos padrões de chuvas na Síria está ligada ao aumento médio

do nível do mar no leste do Mediterrâneo, combinado com a queda da humidade do solo. Nenhuma causa natural aparece nessas tendências, ao passo que a seca e o aquecimento corroboram os modelos de resposta ao aumento dos gases de efeito estufa, diz a revista da Academia Americana de Ciências” (Sinai, 2015).

Em pleno século XXI não se podem estudar e abordar os conflitos através de uma simples dimensão. Não são só os interesses, locais ou das potências regionais e globais, não são apenas os radicalismos ou o acesso a fontes de energia, não são apenas empresas que procuram lucros fáceis. Também é isso tudo mas há fatores, que estando sempre presentes, podem ser das causas maiores de muita da conflitualidade atual e futura e, por incúria, por mau planeamento e análise estratégica, não o sabemos estimar. Entre as maiores ameaças e riscos transversais que verdadeiramente podem ser uma das causas, ou simplesmente, um dos fatores que aceleram ou exponenciam conflitos em várias escalas, estão as alterações climáticas.

Hoje, no futuro, tudo é global e, tanto as ações como as inações têm consequências. Pirataria marítima numa região do globo, um ataque terrorista noutra região do mundo ou uma guerra entre Estados podem estar a ter, entre outras regionais e locais, uma causa transversal ligada à falta de recursos e à deterioração das condições de vida. Retomemos o exemplo da Cidade do Cabo e analisemos o que já aconteceu e pode ainda vir a acontecer (Baker, 2018): as pessoas revoltam-se em longas filas para comprar água, os dispositivos para armazenamento aumentam 10 vezes o seu preço base, os restaurantes de luxo (alguns dos melhores restaurantes do mundo são nesta cidade) usam copos e pratos de plástico para evitarem as lavagens, milhares de pessoas abandonam a cidade, a produtividade diminui porque as pessoas passam longas áreas em busca de água, o PIB da África do sul (quase 10% são produzidos aqui) diminui. Infelizmente, situações idênticas ocorreram e ocorrem em outras grandes cidades do mundo como a cidade do México, São Paulo ou Melbourne. Cidades de dezenas de milhões de habitantes em risco de viver nos limites da sobrevivência por causa da falta de um recurso fundamental – a água.

Inclusivamente, as alterações climáticas podem influenciar, de forma dramática, toda a economia global. Naomi Klein, no seu livro sobre o “capitalismo vs clima” afirma, perentoriamente, que as alterações climáticas mudam tudo (Klein, 2014). O argumento de Klein é simples, se queremos resolver este problema global não podemos confiar nas entidades que o criaram para o resolverem, as soluções têm de vir de outros setores e o mundo terá de mudar a forma como consome energia e alimentos, como polui e se transporta. Há soluções mas muitas terão de vir de pessoas e setores que habitualmente não lidam com estas questões estruturantes e, infelizmente, também haverá muitas organizações dispostas a lucrar com os efeitos secundários das alterações climáticas. Ou seja, além de atitudes inovadoras, investigação e coragem para mudar, também se necessitará de

uma cultura humanista, cuidada e resiliente, que impeça oportunismos e aproveitamentos mesquinhos de uns sobre outros, de umas regiões mais afetadas sobre outras, efemeramente, beneficiadas.

Vencer as guerras climáticas

Para se vencer um desafio universal terão de existir soluções globais. Não existindo uma ação concertada de forma global, temos, do indivíduo aos Estados onde vivemos, de tomar decisões e mostrar determinação.

Ao nível da política, e porque se trata de prevenir, no que for possível, e de vencer, quando for evidente a guerra, temos de ter consciência que esta terá de incluir todas as dimensões da ação dos Estados. Apenas com um comando holístico (Pires, 2014), abrangente e global, se poderá estabelecer estratégias exequíveis, sustentadas e pensadas para décadas, no mínimo, ou para centenas de anos, desejavelmente.

Defendemos já uma nova forma de pensar a segurança e a defesa dos povos e chamámo-lhe a **Estratégia da Coesão** (Borges, et al., 2018): propomos uma ação coordenada em quatro patamares complementares – local, nacional, internacional e global; e mudanças em três dimensões – das atitudes, do conhecimento e da consciência. A prevenção, a ação em face de eventos climatéricos adversos e a segurança da vida de todos, precisa de todos. Sem exceção.

A Estratégia da Coesão parte do cidadão, passa para a família e afirma-se em cada aldeia, vila ou cidade. Por isso os patamares de ação têm de ser acompanhados com uma mudança profunda nas dimensões e nas atitudes, só conseguiremos privilegiar a defesa inalienável de cada indivíduo se lhe soubermos pedir que façam a sua parte na defesa do coletivo. Precisamos de aprender e de alargar o conhecimento, muita partilha e convergência para saber tirar partido do engenho humano na sua capacidade de pensar e inventar novas tecnologias e formas de viver. Ajudando a fortalecer a resiliência humana através da consciência de cada um, apoiando o pensamento crítico e obrigando a que todos discutam e entendam da fragilidade da vida sobre este nosso planeta.

Todos os instrumentos da estratégia têm de ser ponderados, incluindo as possibilidades técnicas para conseguir inverter efeitos climatéricos, conseguindo-se diminuir a concentração de dióxido de carbono, pulverizando a atmosfera com sulfatos, alterando os ciclos de pluviosidade, redirecionando as radiações solares ou acrescentando fitoplânctones nos oceanos. São soluções que têm de ser pensadas e devidamente avaliadas pela gravidade dos seus impactos, caso a sua aplicação seja mal introduzida⁴.

⁴ Ver o capítulo 7 “Medidas de Emergência” em: (Dyer, 2008, pp. 227-250)

A estratégia da coesão consegue-se pelo poder da iniciativa individual, pelo sentido do coletivo organizado (Ends), pela narrativa afirmativa (Ways), pela coerência dos valores e pela educação abrangente e aprendizagem contínua (Means). É como um adaptar da astrofísica geral para o âmbito estratégico. Na astrofísica tem de se ter uma visão cósmica de tudo, desde o infinitamente pequeno até ao inimaginável enorme, com dimensões de tempo e espaço que, por se medirem em biliões de anos e em anos-luz, permite uma perspetiva muito mais coerente e desprendida dos acontecimentos correntes⁵.

Esta é uma guerra, cuja derrota, poderá significar a derrota de todos. Dos que estão e dos que já não virão. Temos tempo para inverter a situação. Há conhecimento e ciência para vencer. Os riscos são evidentes e podem comprometer o futuro da humanidade. O que não sabemos é da efetiva vontade de resolver este dramático problema. Como não sabemos também da existência ou não, da capacidade para coordenar ações e encetar caminhos de estabilidade política para vencer este desafio global. Somos nós, todos, e apenas nós, que temos a solução do problema.

Bibliografia

- Agency, U. R., 2008. Top UNHCR official warns about displacement from climate change, United Nations. [Online] Available at: <http://www.unhcr.org/news/latest/2008/12/493e9bd94/top-unhcr-official-warns-displacement-climate-change.html> [Accessed 21 agosto 2017].
- ALGore, 2017. Uma sequela inconveniente - Verdade ao Poder. Lisboa: Actual.
- Baker, A., 2018. What It's Like To Live Through Cape Town's Massive Water Crisis, Time. [Online] Available at: <http://time.com/cape-town-south-africa-water-crisis/> [Accessed 19 fevereiro 2018].
- BBC, 2018. The 'water war' brewing over the new River Nile dam. [Online] Available at: <http://www.bbc.com/news/world-africa-43170408> [Accessed 25 Fevereiro 2018].
- Bhalla, N., 2012. Thirsty South Asia's river rifts threaten "water wars", Reuters. [Online] Available at: <https://www.reuters.com/article/us-water-southasia/thirsty-south-asias-river-rifts-threaten-water-wars-idUSBRE86M0C820120723> [Accessed 25 Fevereiro 2018].
- Borges, J. V., Telo, A. & Pires, N. L., 2018. Dar uma Razão à Força e uma Força à Razão. Lisboa: Nexo.
- Carneiro, L., 2014. Nigéria é a maior economia da África, mas vive caos social, O Globo. [Online] Available at: <https://oglobo.globo.com/economia/nigeria-a-maior-economia-da-afrika-mas-vive-caos-social-12521128> [Accessed 25 Fevereiro 2018].

⁵ Ver o livro de Neil de Grasse Tyson, sobre Astrofísica (Tyson, 2017).

- reiro 2018].
- Couto, A. C., 1998. *Elementos de Estratégia* (Vols. I e II). Lisboa: Instituto de Altos Estudos Militares.
- Dyer, G., 2008. *Climate Wars*. Canadá: Random House.
- Engelke, P. & Sticklor, R., 2015. *Water Wars: The Next Great Driver of Global Conflict?*. [Online] Available at: <http://nationalinterest.org/feature/water-wars-the-next-great-driver-global-conflict-13842> [Accessed 30 Março 2018].
- Felner, R. D., 2005. *Metade dos europeus contra entrada de imigrantes*, Público. [Online] Available at: <https://www.publico.pt/2005/03/16/sociedade/noticia/metade-dos-europeus-contra-entrada-de-imigrantes-1218263> [Accessed 25 Fevereiro 2018].
- Forum, W. E., 2018. *The global risks landscape 2018*, Financial Times. [Online] Available at: https://biggerpicture.ft.com/global-risks/article/global-risks-landscape-2018/?utm_source=facebook&utm_medium=paid&utm_content=ft_followers [Accessed 25 Fevereiro 2018].
- Friedman, T. L., 2017. *Trump, Niger and Connecting the Dots*, New York Times. [Online] Available at: <https://www.nytimes.com/2017/10/31/opinion/trump-niger-africa-desertification.html> [Accessed 3 Novembro 2017].
- Harari, Y. N., 2017. *Homo Deus*. Amadora: Elsinore.
- Hazleton, L., 2015. *O Primeiro Muçulmano: A História de Maomé*. Amadora: Elsinore.
- IPMA, I. P. d. M. e. d. A., 2018. *Janeiro de 2018 seco e quente*. [Online] Available at: <https://www.ipma.pt/pt/media/noticias/news.detail.jsp?f=/pt/media/noticias/textos/rel-clima-janeiro-2018.html> [Accessed 25 Fevereiro 2018].
- Klein, N., 2014. *This Changes everything: Capitalism vs The Climate*. New York: Simon & Schuster.
- Kolbert, E., 2014. *The Sixth Extinction: as Unnatural History*. New York: Picador.
- Laurence, W. J. R. C. W. T. M. N. M. G. M. A. E. C. M. I. M. W. F., 2017. *World Scientists' Warning to Humanity: A Second Notice*. [Online] Available at: <https://academic.oup.com/bioscience/advance-article/doi/10.1093/biosci/bix125/4605229> [Accessed 30 Novembro 2017].
- Mingren, W., 2018. *The Ma'rib Dam: An Engineering Wonder of the Ancient World... Torn Apart by Rats?*. [Online] Available at: <http://www.ancient-origins.net/ancient-places-asia/ma-rib-dam-engineering-wonder-ancient-world-torn-apart-rats-009396?nopaging=1> [Accessed 14 Março 2018].
- Pires, N. L., 2014. *Wellington, Spínola e Petraeus: O Comando Holístico da Guerra*. Lisboa: Nexo Literário.
- Pires, N. L., 2016. *Das Ameaças e Riscos Intangíveis aos Estados Frágeis e às Guerras Civis*. In: *Ameaças e Riscos Transnacionais no novo Mundo Global*. Porto: Fronteira do Caos, pp. 153-174.
- PRB, 2017. *PRB Projects 2050 World Population at 9.8 Billion*. [Online] Available

- at: <http://www.prb.org/Publications/Datasheets/2017/2017-world-population-data-sheet.aspx> [Accessed 18 fevereiro 2018].
- Reuters, 2017. Cerca de 40 polícias decapitados na República Democrática do Congo, Público. [Online] Available at: <https://www.publico.pt/2017/03/25/mundo/noticia/cerca-de-40-policias-decapitados-na-republica-democratica-congo-1766542> [Accessed 19 fevereiro 2018].
- Sinai, A., 2015. Guerras climáticas, a nova ameaça. [Online] Available at: <https://outraspalavras.net/posts/guerras-climaticas-a-nova-ameaca/> [Accessed 17 Março 2018].
- Stockholm, Resilience Centre, 2015. The nine planetary boundaries. [Online] Available at: <http://www.stockholmresilience.org/research/planetary-boundaries/planetary-boundaries/about-the-research/the-nine-planetary-boundaries.html> [Accessed 22 setembro 2017].
- Styrodur, 2017. The Great Marib Dam – the eighth wonder of the world. [Online] Available at: https://www2.basf.de/basf2/img/produkte/kunststoffe/styrodur/pdf/plastics_saba_e.pdf [Accessed 14 Março 2018].
- Tenzin, P., 2015. China, India and water across the Himalayas, The Strategist. [Online] Available at: <https://www.aspistrategist.org.au/china-india-and-water-across-the-himalayas/> [Accessed 25 Fevereiro 2018].
- Tyson, N. d. G., 2017. Astrophysics for people in a hurry. New York: W.W. Norton & Company.
- Vidal, J., 2013. China and India ‘water grab’ dams put ecology of Himalayas in danger, The Guardian. [Online] Available at: <https://www.theguardian.com/global-development/2013/aug/10/china-india-water-grab-dams-himalayas-danger> [Accessed 25 Fevereiro 2018].
- Visão, 2018. A Cidade do Cabo pode ser a primeira cidade do mundo a ficar sem água. [Online] Available at: <http://visao.sapo.pt/actualidade/mundo/2018-01-22-A-Cidade-do-Cabo-pode-ser-a-primeira-cidade-do-mundo-a-ficar-sem-agua> [Accessed 2 fevereiro 2018].
- Welzer, H., 2012. Climate Wars: What People Will Be Killed For In The 21st Century. Londres: Polity Press.
- WMO, 2017. Climate breaks multiple records in 2016, with global impacts. [Online] Available at: <https://public.wmo.int/en/media/press-release/climate-breaks-multiple-records-2016-global-impacts> [Accessed 18 fevereiro 2018].
- Wuebbles, D., David, F. & Hibbard, K., 2017. CLIMATE SCIENCE SPECIAL REPORT (CSSR), Washington: U.S. GLOBAL CHANGE RESEARCH PROGRAM.

Data de envio / Submission date: 28-06-2018
Data de aceitação / Acceptance date: 13-11-2018